

Apresentação do Dossiê

Fernando da Silva Rodrigues

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira.

Wagner Luiz Bueno dos Santos

Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador no Departamento de História da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM.

Percebe-se um crescente interesse historiográfico, antes dedicado somente às Instituições Militares, em relação ao homem de farda. Pesquisas atuais têm se ocupado com a trajetória desses sujeitos históricos se debruçando sobre suas origens, formação e carreira. Nota-se que quando os trabalhos se debruçam sobre as Instituições Militares, em alguma medida, dedicam atenção aos militares. Ao longo da história brasileira, as Forças Militares foram submetidas a transformações que recaíram significativamente sobre a tropa. Mormente, nessa trajetória, se inserem as Instituições Militares de formação e ensino, recentemente muito reivindicadas como objeto de pesquisa. Com a perspectiva de analisar suas transformações no tempo e espaço, os trabalhos têm buscado verificar em que medida tais transformações afetaram a vida do militar, seu ambiente de trabalho e a sociedade onde estão inseridos.

Por outro lado, esse movimento passa a ser fundamental na medida em que se percebeu que o estudo sobre a trajetória do militar poderia contribuir para o entendimento e compreensão da formação e constituição das próprias Instituições Militares, além de revigorar a relação muito reverenciada pelo movimento da chamada Nouvelle histoire. Ao reorientar seus estudos na direção de temas mais pueris do processo histórico das Instituições Militares, antes pautados em narrativas globais, passaram a se ocupar com a composição e formação das tropas. Em tais ocupações destacam-se as abordagens na perspectiva da antropologia e da sociologia, com incursões nos campos da história social e da história cultural, entretanto, sem desvincular a compreensão política do processo.

Em última instância, esse fenômeno possibilitou experimentar outras aventuras teórico-metodológicas. O ponto fundamental foi o distanciamento dos atuais estudos sobre militares em relação àqueles que costumavam apresentar o militar como sujeito histórico obs-

curecido pelas narrativas que privilegiavam os grandes vultos heroicos e os movimentos políticos institucionais promovidos pelas correntes historiográficas tradicionais.

Como resultado desse movimento, a historiografia brasileira tem contribuído de forma significativa com trabalhos interessantíssimos no que diz respeito aos estudos sobre Instituições Militares e, nas últimas décadas, revelado significativo interesse em relação à participação do homem de farda na trajetória daquelas instituições. É necessária essa observação pois, por um bom tempo, os estudos sobre os militares e Instituições Militares – excluindo os estudos sobre o período dos governos militares – ficaram à beira da falésia, amargurando um ostracismo historiográfico por parte da academia. Em tal condição, coube aos militares, quase que exclusivamente, a escrita sobre suas instituições, que hoje, embora muitas vezes carente de um rigor científico, contribui de maneira significativa auxiliando estudos e investigações acerca da caserna.

Portanto, é com esse espírito que apresentamos, nessa nova edição da Revista *Navigator*, o dossiê – “História do ensino militar: instrução, formação e instituições”. O nosso objetivo foi no sentido de promover uma discussão sobre o ensino, a instrução e a formação dos militares e suas instituições. O desafio foi lançado à comunidade acadêmica e aos pesquisadores e o resultado ultrapassou todas as nossas expectativas. Recebemos os mais variados estudos sobre a formação e instrução militar que, tanto pela abordagem quanto pelas perspectivas teórico-metodológicas, acreditamos que contribuirão de forma significativa para o atual debate sobre a carreira e a formação militar, assim como para ampliar o horizonte de pesquisas sobre os militares e suas instituições.

Todos os trabalhos são resultados de pesquisas originais, as quais os esforços promovidos pelos autores foi oferecer aos leitores análises aprofundadas que possibilitem a compreensão do universo da formação de oficiais e praças das Forças Militares.

No artigo que abre o dossiê, *Caminhando rumo a uma Marinha forte, homogênea e exercitada: a proposta de criação de quatro Companhias de “Aspirantes” Marinheiros nas discussões do Senado em 1833*, Jorge Antônio Dias e Cosme Serralheiro apresentam estudo acerca do debate político no contexto da criação e consolidação da primeira Companhia de Aprendizes-Marinheiros em 1840. Os autores apontam que a criação da instituição foi marcada por diferentes ideias ao longo de diferentes momentos históricos, destacando a cultura política que envolvia diferentes agentes institucionais, políticos e sociais no decorrer do processo de criação de uma instituição de educação e instrução militar inaugurando a preocupação da Marinha Imperial na formação militar de seus marinheiros.

Ainda discorrendo sobre a formação dos marujos no Período Imperial, Tarantini Pereira Freire nos apresenta o artigo “*Sahidos da classe menos moralizadas da sociedade*”: os problemas da militarização infantil no Maranhão provincial, um estudo sobre a instalação de uma unidade das Companhias de Aprendizes-Marinheiros na capital da Província do Maranhão. Segundo o autor, a instituição tinha o propósito de formar soldados para a Armada Imperial recrutando crianças da parcela mais pobre da sociedade maranhense para compor as fileiras de aprendizes da Companhia. Ao analisar a inserção da criança no universo militar e na pesada rotina de uma unidade militar, o autor propõe uma reflexão acerca da inserção da criança em um espaço social até então privilegiado de convivência entre adultos. As questões colocadas pelo autor exploram esse universo na medida em que analisa a disciplina institucional; os conteúdos dos saberes ministrados; o modo de alistamento infantil operado pela instituição e as tradições locais pelas quais passou a instituição. Nesta perspectiva, o autor buscou dar um sentido à experiência histórica dos aprendizes.

Passando da formação das praças à formação dos oficiais, apresentamos o trabalho de Luana de Amorim Donin, no artigo *A construção da oficialidade naval no Império: os estatutos de 1858 na Academia de Marinha*, a autora se debruça sobre a evolução do projeto político e militar que resultou na reforma dos estatutos da Academia de Marinha de 1858, espaço de formação da oficialidade naval e Armada Imperial. A autora aponta que a reforma condizia com o projeto político conservador do Império do Brasil, que buscava inserir as inovações

da modernidade ocidental com as tradições herdadas do Período Colonial. Concluindo que a Marinha Imperial foi resgatada como braço da administração do Estado e se apresentou como um espaço em que os aspectos da civilização, do novo entendimento da função militar no Ocidente e a evolução científica e tecnológica do período foram experimentados.

Voltando um pouco no tempo, nas origens da formação do oficialato em Portugal, Adler Homero Fonseca de Castro, no seu trabalho *O aprendizado do ofício das armas: o sistema de promoção por cadetes, 1757-1897*, discorre sobre a formação profissional do corpo de oficiais no Portugal de meados do século XVIII ao final do século XIX. Para o autor, durante a Idade Moderna, a formação do oficialato foi um problema marcante. O aprendizado pautado na prática era a base da formação profissional do oficial, fato este que, combinado com a forma de entrada e a formação social de rígida divisão de classes, ocasionou a formação de uma elite de fidalgos-aprendizes, os cadetes. Adotada em 1756 em Portugal, no Brasil esse formato prevaleceu até a República, não só como forma de composição das fileiras de oficiais, mas também como um privilégio social. Uma relação que, segundo o autor, aos poucos foi sendo superada por meio da gradual reforma da Academia Militar.

Avançando para o século XX, apresentamos o trabalho de Rafael Roesler, *A formação do oficial do Exército Brasileiro no início do século XX: a Missão Índigena na Escola Militar do Realengo*, o autor nos apresenta interessante análise sobre a atuação de um grupo de instrutores na Escola Militar do Realengo no período compreendido entre os anos de 1919 e 1923. A atuação daqueles instrutores, naquela que ficou conhecida como Missão Índigena, produziu efeitos marcantes durante sua atuação no processo de formação militar da Escola do Realengo, aponta o autor. Para Rafael Roesler, a presença da Missão Índigena na Instituição foi percebida por toda uma geração de oficiais do Exército Brasileiro, que ficou conhecida como a "Geração do Realengo". O autor chama atenção para o fato de que, embora constantemente lembrada pela historiografia militar, a Missão foi muito pouco explorada em trabalhos acadêmicos, tanto sobre seu surgimento quanto à sua atuação na Escola Militar e no envolvimento de alguns de seus membros no Movimento Tenentista de 1922.

E por fim, fechando o dossiê, Fernando da Silva Rodrigues apresenta sua contribuição com o trabalho, *História do ensino militar: entre a teoria e a prática profissional no Exército Brasileiro (1889-1944)*, onde aponta que as mudanças no sistema de educação do Exército foram marcadas pelos momentos históricos e políticos que o País estava passando, tais como a Proclamação da República, em 1889, e o medo do movimento comunista nacional e internacional ao longo dos anos 1930 e 1940. Em seu trabalho, tentando compreender quais modelos de organização administrativa a Escola Militar adotou no processo de seleção e de formação do seu quadro profissional de oficiais, Fernando Rodrigues lança mão de um vasto e diversificado corpo documental, como os processos individuais para o ingresso na Escola Militar, regulamentos que organizaram o funcionamento do ensino militar, documentos internos institucionais, acervos pessoais, artigos de revistas militares, livros e artigos de memória da Instituição. O autor demonstra que os modelos de ensino e as reivindicações de militares pelas mudanças dos regulamentos estavam em consonância com cada momento histórico vivido, por outro lado estavam em dissonância com as mudanças provocadas pelas políticas que buscavam reformar o ensino no Brasil. Concluindo, o autor aponta que a reforma do ensino no Exército buscou a profissionalização da tropa.